

I Fiquei deste

Sil posto

coloca o original e

teme la

em nota/

p/oculo

TEXTO PARA CATÁLOGO DE FIAMINGHI – GALERIA SÃO PAULO

OBs: Sil, texto tem partes iguais ao de cima:

Fiaminghi Corluz 1995. São Paulo: Galeria São Paulo, 16 maio – 5 jun. 1995, s.p.

Obs: catálogo

Estes foram anos diferentes na minha pintura, houve um projeto que me motivou. Não quero dizer que todas as obras que fiz nesse período tenham sido boas, mas foi um grande aprendizado. Estas telas, além de parte de minha obra, significam também uma evolução; apesar de terem me proporcionado quadros de que não gosto muito, estes anos de trabalho me trouxeram quadros novíssimos.

A unidade deste trabalho é a Corluz, o uso da cor que venho fazendo desde há muito. Quando comecei a trabalhar como litógrafo separava intuitivamente as camadas de cores que deveriam ser impressas e com este procedimento me acostumei a ver a cor como resultado da união de diversos matizes sobrepostos. Este aprendizado acompanhou-me por toda obra, é o elo de ligação entre meus trabalhos atuais.

Não foram tempos fáceis, cada quadro implicou muitas tentativas e recusas. Tratei de ir buscar o que pode ocorrer de novo, e não adianta querer repetir num outro quadro uma boa pincelada que descobri; as pinceladas não se repetem. Essa sensibilidade não se repete, consigo até fazer outra melhor, mas não é aquela. A sensibilidade que gerou uma imagem não pode ser repetida (ou ressentida) para a criação de outra imagem, isso a gente só aprende fazendo.

Embora não faça anteprojeto, tem sempre um pensamento e uma imagem que você imagina e grava. Todo quadro que faço rapidamente e bom, eu não me perco no caminho, não tenho muitos altos e baixos.

Às vezes não sei onde vai dar, tenho uma imagem geral, um sonho pensado, mas quando começo a pintar nem tudo sai na mão. Preciso do quadro semi-realizado, mas não sei como terminar. Sento e olho. Olho. Olho... Até surgir uma informação e ela surge porque tenho formas no quadro que dizem o que devo fazer.”

“Minha pintura quando é espontânea é melhor; e não é uma questão de tempo. Ainda mais que não faço estudo nenhum... Quando vejo que não há espontaneidade eu não gosto do quadro; retomar aqui e ali me desgasta.”

“Gosto de quadro que me dê opção de obra, não gosto de quadro que é ele só, começa e encerra nele.”

“Não estou querendo inovar nada, desisti daquela idéia de tudo super-avançado. Vou continuar na minha, não posso encontrar um caminho diferente em cada tela.”

“Comparando com o que vejo por aí, meus quadros são feios; não procuro ‘embeleza’, o todo do meu quadro não é feito para ser ‘bonito’, é feito para ser obra-de-arte. Não acho que a obra-de-arte tenha que ser feia, mas eu não enfeito.”

“Não tenho ilusões, para mim a pintura e a obra são coisas normais; não preciso decepções para ser um pintor, não preciso passar imensa infelicidade para realizar a obra. Aos 40 anos eu era assim, defendia o pedestal, achava que podia tudo; não tinha observado e sentido essa posição do artista.”

“Não quero produção, não quero produzir exposição, tenho quadro de monte; o que não for muito bom eu desmancho.”

“E aí, heim, Isabella. Você não acreditava, achou que eu tinha esclerosado, heim? E olha que teve dois enfartes aí no meio...”

CORLUZ 1995 / março 95

Instituto de arte contemporânea